



O DIREITO À ÁGUA CONQUISTADO POR MEIO DA LUTA: GUERRA DA ÁGUA EM COCHABAMBA.

FREITAS, Luna
Diretora Geral da Faculdade de Belém
luna_freitas@hotmail.com

BORGES, Júlia
Estudante de mestrado do Programa de Políticas Sociais da UENF
bastosjuliaborges@yahoo.com.br

RESUMO

Nenhum homem ou civilização poderá sobreviver sem água potável. Propõe-se analisar o conflito conhecido como ‘Guerra da Água’ em Cochabamba na Bolívia, onde após uma batalha entre a população *versus* a política do Presidente Hugo Banzer e da multinacional Bechtel se reverteu o contrato de concessão de água já efetivado. O trabalho foi realizado, documentalmente, por meio de compilação de reportagens provenientes de jornais, internet, livros e revistas baseando-se no método dedutivo, com o objetivo de compreender este conflito e seus resultados a partir de uma perspectiva da garantia do direito à água. Conclui-se que a forma de organização e mobilização adotada pelos bolivianos neste conflito garantiu o direito à água permitindo democraticamente que se apresentasse um projeto de gerenciamento da água na Bolívia.

Palavras Chave: Guerra da Água, Direito à água, Mobilizações Sociais.

ABSTRACT

No man or civilization can survive without drinking water. Proposes to analyze the conflict known as 'Water War' in Cochabamba in Bolivia, where after a battle between the people versus the politics of President Hugo Banzer and the multinational Bechtel has reversed the concession of water already effected. The work was carried out, documentary, through compilation of reports from newspapers, internet, magazines and books based on the deductive method, in order to understand this conflict and its outcomes from the perspective of ensuring the right to water. We conclude that the form of organization and mobilization adopted by Bolivians in this conflict secured the right to democratically allowing water that present a draft water management in Bolivia.

Key Words: Water War, Right to Water, Social Mobilizations.

O conflito ocorrido em Cochabamba, no início deste Século, marcou a História recente da humanidade como uma guerra pela sobrevivência. O caso ficou conhecido como “Guerra da Água” e seu processo histórico apresenta inúmeros ensinamentos à comunidade internacional. Jim Shultz¹ aponta de forma resumida o que ocorreu nesta região:

¹ Diretor executivo do The Democracy Center (<http://www.democracyctr.org>) vive em Cochabamba, Bolívia, e é autor do "The Democracy Owners' Manual" (Rutgers University Press). Suas reportagens sobre a revolta pela água em Cochabamba foram honradas entre as melhores histórias do ano do Project Censored.



Antes de abril de 2000 poucas pessoas de fora da Bolívia haviam ouvido falar sobre Cochabamba, uma cidade de 600 000 habitantes cravada em um vale andino a 8 000 pés de altura. Quatro meses após o início do novo século esse quadro mudou. Cochabamba se tornou a linha de frente da crescente batalha internacional contra as regras da globalização econômica. Enfrentando soldados, resistindo à declaração de uma lei marcial e se levantando contra a onda da teologia do mercado econômico, a população mais pobre da América do Sul expulsou uma das empresas mais ricas do mundo e reconquistou algo simples e básico – sua água. (SHULTZ, 2003, p. 1)

Antes do Século XXI, a experiência da Bolívia com o atual modelo econômico globalizante demonstrava aos bolivianos que essa não era uma política solidária e justa. Galeano (1978) expôs que entre 1545 e 1558, os colonizadores espanhóis descobriram as riquezas minerais de Potosi, na Bolívia. A montanha que continha tal riqueza foi denominada de *Cero Rico* e possuía prata suficiente para manter a Espanha como um império. A exploração da prata não trouxe exorbitante lucro ao País e custou aos bolivianos 8 milhões de corpos indígenas - escravos dos mineradores eram mandados em túneis escuros e profundos por seis meses consecutivos. Os que sobreviveram ficaram cegos ao serem re-expostos à luz do Sol.

A primeira lição da Bolívia sobre a política econômica capitalista foi essa: um povo abençoado pela Terra, com uma das maiores fontes de riqueza mineral da história do planeta, encontra-se hoje como uma nas nações mais pobres da América do Sul.

Essa memória de terrível abuso e roubo da riqueza para além mar não foi superada pela alma boliviana quando, em 1980s e 1990s, o Banco Mundial e o Fundo Internacional Monetário (FMI) decidiram tornar a Bolívia um laboratório de seus experimentos modernos em economia global. Fazendo uso das ferramentas contemporâneas de poder econômico-empréstimos, ajuda, e perdão da dívida – o Banco Mundial e o FMI influenciaram e basicamente obrigaram o governo boliviano a vender ou arrendar suas empresas estatais para mãos corporativas.

Uma por uma, o governo boliviano vendeu ou arrendou a companhia aérea nacional, a ferrovia e a companhia elétrica, sempre com mesmo resultado desastroso. A pressão mais agressiva do Banco Mundial por privatização focou-se no sistema público de água da terceira maior cidade da Bolívia, Cochabamba. (SHULTZ, 2003, p. 1)

Vários autores afirmam que a Bolívia seguiu ao pé da letra a receita da globalização para a prosperidade e, segundo Kingsnorth (2006), o país abriu seus mercados a empresas estrangeiras, fez cortes nas despesas do governo e privatizou tudo o que não estava privatizado.



O resultado é que a Bolívia tornou-se o país mais pobre da América Latina, 65% da população vivem abaixo da linha da pobreza (no campo esse número ultrapassa 90%).

Shultz (2003) relata os acontecimentos históricos da guerra da população boliviana para retomar o seu direito a água: em fevereiro de 1996, oficiais do Banco Mundial propuseram, ao prefeito de Cochabamba, um empréstimo de 14 milhões de dólares para expansão do serviço de água, condicionado à privatização do fornecimento para a cidade. Logo em seguida, em junho de 1997, os oficiais ofereceram, ao presidente boliviano, o perdão de uma dívida de 600 milhões de dólares, dependendo também de Cochabamba passar sua água para mãos privadas.

O autor continua relatando a forma como a água foi negociada: o governo boliviano seguiu as ordens do Banco Mundial e, em setembro de 1999, *às portas fechadas com apenas uma concorrente, oficiais bolivianos arrendaram a água de Cochabamba até 2039* para uma misteriosa e nova empresa chamada *Aguas del Tunari* – que depois se mostrou ser uma subsidiária da gigante da Califórnia, *Bechtel*. (SHULTZ, 2003)

A empresa Bechtel, no seu site oficial, descreve-se pontuando os valores que defende, em especial, o de ser uma empresa com *cisão* e valores humanos, como a maior parte das grandes corporações:

VALORES

Construindo uma herança familiar que se estende por mais de 100 anos, vamos continuar a ser propriedade privada de uma gestão ativa e guiada por valores mantidos com firmeza.

Ética. Intransigente integridade, honestidade e lealdade são o coração da nossa empresa.

Excelência. Nós estabelecemos padrões elevados. Aplicamos avançada tecnologia, e estamos constantemente inovando e melhorando. Nós prosperamos no desafio e realização. [...]

[...] Respeito Mútuo. Trabalhamos pelos nossos Convênios, que incentivam a abertura, o trabalho em equipe e confiança. Nós valorizamos uma cultura inclusiva com base em diversas formações, experiências e opiniões.

Segurança Zero acidentes. [...] a vida das pessoas e a nossa dependem dele.

Sustentabilidade. Nos planejamos agir para o futuro da nossa empresa, nossos clientes, e nosso mundo. (BECHTEL, 2010)²

² Texto original: “VALUES Building on a family heritage that spans more than 100 years, we will continue to be privately owned by active management and guided by firmly held values. Ethics. Uncompromising integrity, honesty, and fairness are at the heart of our company. Excellence. We set high standards. We apply advanced technology, and we continually innovate and improve. We thrive on challenge and accomplishment. Fair Return. We earn a return that fairly rewards the value we deliver. Mutual Respect. We work by our Bechtel Covenants, which encourage openness, teamwork, and trust. We value an inclusive culture based on diverse backgrounds, experience, and views. Safety. Zero accidents is our unwavering goal—people's lives depend on it.



Entretanto, de acordo com Shultz (2003), apenas poucas semanas depois de assumir o controle da água, a empresa da *Bechtel* apresentou às famílias locais, aumento de 200% na taxa de água. Trabalhadores que viviam com o salário mínimo local de 60 dólares deveriam pagar algo como 15 dólares para continuar com água correndo de suas torneiras.

Uma lei sobre a água, aprovada paralelamente pelo Congresso boliviano, concedeu ao controle privado, centenas de sistemas de irrigações rurais e poços comunitários - projetos financiados e construídos pela população local, sem ajuda do governo:

Entrega de concesiones mineras para la exportación de aguas subterráneas, a favor de la empresa boliviana-norteamericana Corporación Boliviana de Recursos Hídricos (COBOREH), La cual, con el apoyo del gobierno, logro aprobar una norma nacional en el Parlamento: la Ley 2267 de Apropiación y Exportación de Aguas Subterráneas (agua fósil) de la región del sudoeste potosino. (CIDSE, 2009, p. 105)

Barlow e Clarke (2004) mostraram que o acordo realizado entre o Banco Mundial (BM) e o governo boliviano incluía que, na continuação ao processo de privatização das empresas, o BM iria outorgar monopólios a concessionárias privadas. Também exigia que, ao fixar o preço do produto, se levasse em conta todos os gastos, além de instruir o governo a não utilizar o dinheiro do empréstimo para subvencionar água fornecida aos pobres. Preocupados com a privatização da água e a nova lei aprovada, os cidadãos iniciaram um movimento para reivindicar seus direitos, desafiando a política do governo.

O grupo ficou reconhecido como *La Coordinadora* e nasceu tanto do meio rural como urbano, da classe pobre e média. Sua liderança era composta por representantes do sindicato dos trabalhadores de uma fábrica local; irrigadores e fazendeiros; grupos ambientais; economistas locais; membros progressistas do congresso e um vasto grupo de organizações e associações de base.

Depois de verem como a tarifa de água subiu, 35% em janeiro de 2000, os cidadãos de Cochabamba também se lançaram, aos milhares, a mobilizar-se e paralisaram a cidade durante quatro dias, com uma série de greves e barricadas que fechavam as ruas. Barlow e Clarke (2004):

Sustainability. We plan and act for the future—for the long-term good of our company, our customers, and our world.”



Em novembro de 1999 a Federação dos Irrigadores, furiosos por causa da entrega de seus sistemas de água, realizou um bloqueio de 24 horas das rodovias que dão acesso a Cochabamba. “Nosso objetivo era testar a capacidade que tínhamos para lutar”, disse Omar Fernandez, líder do sindicato dos irrigadores. “Nós percebemos que nossa base desejava mover ainda mais rápido do que nossa liderança. Na pequena cidade de Vinto eles bloquearam as rodovias por 48 horas”. Depois dos bloqueios os usuários rurais de água formaram uma aliança com os usuários urbanos preocupados com a tomada da Bechtel sobre o sistema de água da cidade e, em 12 de novembro de 1999, nasceu a *La Coordinadora* para a Defesa da Água e da Vida. (SHULTZ, 2003, p. 2)

Foi em janeiro de 2000, após a companhia de água anunciar o aumento na taxa, que *La Coordinadora* ressurgiu com sua primeira ação pública - uma greve geral. Não foi uma tática nova em Cochabamba. Uma ou duas vezes ao ano, os trabalhadores da empresa de transporte local e outros grupos organizam ações que tiram os ônibus de circulação, bloqueiam pontes e vias, fecham comércio e escolas e a cidade vive um dia de feriado para jogar futebol ou andar de bicicleta, enquanto negociadores tentam alcançar um acordo sobre a demanda do dia. A ação de janeiro, de *La Coordinadora*, foi contra a alta do preço da água e foi diferente: por três dias, Cochabamba parou. Bloqueios fecharam as duas principais rodovias de acesso à cidade, eliminando o transporte via ônibus e o carregamento de alimentos. O aeroporto foi fechado, ruas bloqueadas por pilhas de pedras e árvores interromperam todo o trânsito. (SHULTZ, 2003)

Para Kingsnorth (2006, p. 89): foi concedido à *Bechtel*, um arrendamento de longo prazo do sistema de água de Cochabamba, a uma soma não revelada. A *Bechtel* ganhou o controle, não só da distribuição de água da cidade, construída pelo governo, mas também do antigo sistema de irrigação dos agricultores e de poços da comunidade, sendo que nenhum deles podia ser vendido pelo governo. E além de ter seus poços vendidos a uma empresa estrangeira, a população devia pagar e muito caro pela água. Um mês depois da *Bechtel* assumir o controle da água, todas as contas aumentaram, algumas em até 300%. Na prática, a empresa fazia o pobre de Cochabamba pagar mais pela sua água do que alguns economistas do Banco Mundial pagam, em Washington. A revolta da população crescia junto com a impopularidade da corporação internacional e sua política:

Los sondeos de la opinión pública mostraron que el 90% de los habitantes de Cochabamba deseaban que la filial de Bechtel devolviese el servicio del agua al control público. (BARLOW e CLARKE, 2004, p. 242)



O resultado da insatisfação dos cidadãos materializou-se: milhares de cochabambinos ocuparam a praça central da cidade. Em uma esquina, *La Coordinadora* montou sua sede e do outro lado da praça, o gabinete do governador regional de Cochabamba, um cargo nomeado pelo presidente. Um dia depois de se recusar a reconhecer a *La Coordinadora* como uma organização legítima, representativa, o governador concordou em se encontrar com seus líderes e assinou um acordo que iria rever o contrato da empresa de água e a nova lei, se os protestos fossem suspensos. *La Coordinadora* deu prazo de três semanas para o governador cumprir o acordo.

Cuando lo pidieron que diese su opinión a respecto de las protestas de Bolivia, El señor Wolfenshon, director del Banco Mundial, comento que regalar los servicios públicos a la gente conduce inevitablemente al despifarro e que los países como Bolivia necesitan poseer “um sistema apropiado de cobro” del agua. Se estaba haciendo eco de um inform de junio que declaba: “no deberia recurrirse a ningún tipo de subvención para compensar El aumento de las tarifas del agua en Cochabamba”. Es decir, todos los usuarios del agua, incluyendo los más pobres deberían cargar con todos los costes Del servicio Del agua y con la subida propuesta. Sin embargo, Wolfenshonnegaba rotundamente que El modelo de privatización estuviera dirigido contra los mas pobres. (BARLOW e CLARKE, 2004, p. 242)

Sobre essa declaração, o dirigente de *La Coordinadora*, Oliveira³ respondeu que gostaria muito de convidar o diretor do Banco Mundial a ver a realidade imposta pela privatização em Cochabamba, visto que do seu escritório, em Washington, não poderia ver o que acontecia de fato. (BARLOW e CLARKE, 2004)

Apesar do acordo feito entre o governador regional de Cochabamba e *La Coordinadora*, o governo não cumpriu a palavra. Na passagem de janeiro para fevereiro não houve nenhuma mudança na taxa e o povo de Cochabamba recusou-se a pagar a conta para a *Bechtel*. A empresa, sem saída, ameaçou cortar o fornecimento de água à população e *La Coordinadora* anunciou uma manifestação simbólica, na praça central da cidade, no dia 4 de fevereiro (SHULTZ, 2003).

Segundo Jim Schultz:

Estava planejado um simples protesto no horário de almoço para lembrar o governo que o povo ainda o estava vigiando. Algumas centenas de manifestantes marchariam rumo à praça, ouviriam alguns discursos,

³ Líder do Sindicato das Fábricas de Cochabamba e uma das lideranças mais visíveis da Coordinadora.



cobrariam o governo para que mantivesse sua palavra e depois retornariam ao trabalho.

O governo anunciou que o protesto não seria permitido e na manhã do dia 4 mais de 1000 policiais pesadamente armados assumiram o controle do centro da cidade, quase todos trazidos de outras cidades (uma vez que o governo não podia contar com a polícia de Cochabamba para bater fortemente de frente contra seus próprios parentes).

Para as pessoas de Cochabamba, mesmo para aquelas que não eram simpáticas à revolta da água, a ocupação da polícia foi vista como uma declaração de guerra. O governo não estava mais apenas se recusando a acabar com o aumento abusivo da empresa, agora ele estava protegendo os lucros da Bechtel com gás lacrimogêneo e armas.

Por dois dias a região central de Cochabamba se tornou uma zona de guerra. [...] Com o conflito persistindo, as portas das casas de classe médias se abriram e comida e água apareceram, como forma de apoio àqueles que estavam lutando contra o governo nas ruas.

Praticamente todas as rádios locais se converteram em discussões telefônicas sobre a batalha no centro da cidade, com ligações atrás de ligações condenando o governo e a empresa. Em dois dias mais de 175 pessoas foram feridas, a maioria vítima do gás ou por apanhar da polícia. Qualquer que fosse sua legitimidade pública na questão, o governo a tinha perdido. Ele anunciou um acordo com a empresa para invocar temporariamente um recuo na taxa de água por seis meses. A Coordenadora teve sua primeira vitória.

(SHULTZ, 2003, p. 3)

A privatização de um dos recursos mais vitais ao ser humano, combinado com a falta de acesso aos habitantes de Cochabamba, onde além de privatizada, a água estava muito cara para os padrões dos cidadãos da região geraram um confronto que há muito a comunidade boliviana não vivenciava.

Após novo compromisso do governo, dessa vez real, os manifestantes comemoraram a grande conquista e partiram para luta maior: expulsar a corporação internacional, *Bechtel*, do território boliviano, sem nenhuma indenização e com a possibilidade de ter que indenizar os cidadãos prejudicados pela falta de acesso à água potável.

La Coordinadora passou então por uma mudança estratégica nos seus planos - conseguir uma cópia do contrato que privatizara a água para verificar possibilidades jurídicas de questioná-lo. Após muitas dificuldades, os membros da *Coordinadora* conseguiram o contrato e descobriram uma série de irregularidades no acordo realizado:

[...] a garantia de lucro de 16% para a Bechtel, descobriram também que a empresa ganhou a concessão praticamente sem compromissos de investimento inicial, bem como outras provisões que deixaram claro o quão péssimo foi o acordo que o governo fez. A Coordenadora se convenceu de que eles precisavam mudar seu foco da simples reversão da taxa para o cancelamento do contrato como um todo e colocar o controle da água de



Cochabamba sob controle público direto. [...] realizaram então a consulta popular. Por três dias os ativistas da *Coordinadora* montaram mesas nas praças e em outros locais públicos pelo Vale de Cochabamba para fazer a seus residentes uma simples pergunta – o contrato sobre a água deveria ser cancelado? Mais de 60 000 pessoas participaram, aproximadamente dez por cento da população do vale. A resposta, pela votação de mais de 90% foi um ensurdecedor sim. (SHULTZ, 2003, p. 4)

Kingsnorth (2006) afirma que, depois de *La Coordinadora* e seus 10 mil seguidores exigiram o cancelamento do contrato da *Bechtel*, o governo ficou sem saída porque assinara um contrato amarrado, onde a água seria da *Bechtel*, por 40 anos. E a reputação da Bolívia, perante a comunidade internacional, estava apoiada nisso - se o governo permitisse que a pressão popular derrubasse a privatização, tudo poderia acabar em perdas ainda maiores para o governo, mas para a *Bechtel* foi o que aconteceu. Em abril, *La Coordinadora* liderou o que ficou conhecido como *La Ultima Batalla* contra o governo e o consórcio, paralisando a cidade por mais quatro dias. Barlow (2004), conta o quão forte foi a mobilização:

Cientos de miles de bolivianos marcharon sobre Cochabamba para manifestarse contra el gobierno en una huelga general y el paro de los transportes provocó la paralización total de la ciudad. La policía intervino con violencia practicando arrestos y a comienzos de abril, el gobierno declaró la ley marcial. Los activistas fueron detenidos durante la noche y los programas de radio y televisión se interrumpieron en plena emisión. Un joven de 17 años, Victor Hugo Danza, fue muerto por un disparo en plena cara. (BARLOW, 2004, p. 15)

Entre tantos mortos, o jovem Hugo Danza tornou-se um mártir da Guerra da Água. Seu sacrifício foi em um momento crucial, durante o confronto.

Após dois dias do início da batalha no centro de Cochabamba, líderes da *Coordinadora* iniciaram conversas com o governador, o prefeito, o arcebispo e outros oficiais. De uma hora para outra, sob ordem do governo nacional de La Paz, surgiu a polícia e prendeu todos os líderes da *Coordinadora*. O arcebispo Solari se trancou em seu escritório a noite toda, dizendo aos repórteres que se a *Coordinadora* estava presa, ele também estaria. Na sexta-feira, depois que os líderes foram soltos, os habitantes de Cochabamba aguardavam a qualquer momento uma tomada militar da cidade.

A notícia sobre as prisões levou mais de 10.000 pessoas às ruas. Representantes de comunidades foram chegando, carregando bandeiras com o nome de seus povoados. Uma reunião foi anunciada para 16h, entre o governador e a *Coordinadora*, moderada pelo arcebispo Solari, mas o governador não compareceu, novamente, e os manifestantes temeram o pior.



Meia dúzia de adolescentes escalou a torre da Catedral para tocar o sino, caso os soldados invadissem a cidade. Foi ateadado fogo na porta de entrada e no horário que o governador deveria encontrar os líderes da *Coordinadora*, ele não compareceu, preferindo telefonar para seus superiores em La Paz. Explicou que não via alternativa, exceto o cancelamento do contrato, caso contrário, aconteceria mais guerra entre o povo e o governo. (SHULTZ, 2003)

Contudo a guerra ainda não estava terminada. Jim Shultz comenta outras atitudes do governo:

O porta voz de Banzer se recusou a confirmar a partida da empresa. Os representantes locais da Bechtel enviaram por fax à imprensa notas declarando que não estavam indo embora. À meia-noite o Governador Galindo foi ao vivo à TV e disse aos habitantes da cidade que ele não queria ser responsável por um “banho de sangue” e renunciou. Policiais começaram a aparecer na porta dos líderes da *Coordinadora* e de suas famílias, prendendo todos que encontravam. [...]

Dezessete pessoas foram colocadas em um avião e foram levadas para uma prisão infestada de mosquitos na remota floresta da Bolívia. Aqueles que conseguiram escapar da prisão, incluindo Fernandez e Oscar Oliveira, foram se esconder. [...] Às 10 horas o Presidente Hugo Banzer, o ex-ditador, declarou o Estado de Emergência (lei marcial). Os soldados fecharam canais de TV e estações de rádios. Toda uma seção da cidade, o lado das colinas onde as antenas continuavam a transmitir notícias, tiveram corte de energia. Reuniões públicas com mais de duas pessoas foram banidas. Cochabamba estava sob uma ditadura. (SHULTZ, 2003, p. 6)

A resposta do povo foi rápida e furiosa. Mesmo com seus líderes presos ou escondidos, a *Coordinadora* convocou a retomada imediata dos bloqueios.

Jim Schultz, que viveu em Cochabamba naquele período, relata o que viu:

No meu bairro uma senhora idosa deitou sobre as pedras em nossa rua para bloqueá-la. Os jovens, conhecidos por “guerreiros da água” voltaram ao centro da cidade para desafiar as tropas de Banzer. As mulheres bateram de porta em porta para coletar arroz e outros alimentos para cozinhar para os que permaneciam acampados na praça.

Na tarde de sábado o conflito tinha se tornado violento. Manifestantes puseram fogo em um prédio desocupado do Estado, mandando grandes nuvens de fumaça negra pelo céu azul de Cochabamba. Os soldados substituíram o gás lacrimogêneo com tiros. Um canal de televisão local filmou um capitão do Exército, Robinson Iriarte de La Fuente, um graduado pela Escola das Américas dos EUA, disfarçado em roupas civis enquanto ele disparava nos manifestantes. Ao mesmo tempo um garoto desarmado de dezessete anos, Victor Hugo Daza, foi atingido e morto por uma bala em seu rosto. (SCHULTZ, 2003, p. 6)



Apesar de Cochabamba ter atingido situação sangrenta, o presidente Banzer, mesmo enfrentando diversos protestos em outros assuntos, em outras cidades, por toda a nação, deixou claro que não cancelaria um contrato com uma grande corporação internacional. Sua equipe de relações públicas divulgou histórias falsas para os jornalistas estrangeiros, dando conta do aumento no preço da tarifa da água ter sido de apenas 20% e que os protestos em Cochabamba eram orquestrados por narcotraficantes, na tentativa de desestabilizar o governo. (SCHULTZ, 2003)

Uma semana depois, o governo cedeu e preveniu a *Bechtel* sobre a segurança de seu pessoal. Os *homens da água* – vindos do exterior – fugiram sem esquecer o dinheiro da empresa e seus computadores, enquanto o governo anunciava o cancelamento do contrato. Haveria então a Nação mais pobre da América Latina, vencido uma das maiores corporações internacionais e a política capitalista para água. (KINGSNORTH, 2006).

O País começou uma nova forma de gerir a água e Barlow explicita o fato:

La gente se hizo cargo de esta nueva dificultad y eligió un nuevo consejo de administración para la compañía de aguas, desarrollando un nuevo mandato anclado en un firme conjunto de principios. **La compañía tenía que ser eficaz; incorruptible, justa para con los trabajadores, guiarse por su compromiso hacia la justicia social** (abasteciendo primero a los que no tienen agua), **y actuar como catalizador para una mayor participación y organización del movimiento popular.** La primera medida de la nueva compañía consistió en poner en funcionamiento una enorme cisterna de agua en los barrios menos favorecidos del sur, instalando cañerías para el abastecimiento de 400 localidades que se habían visto abandonadas por la antigua compañía. Después, la empresa se preocupó en tener una presencia dinámica en los barrios, escuchando a la gente y trabajando con ella para resolver los problemas. En el verano del 2000, la Coordinadora organizó sus primeras audiencias públicas sobre SEMAPA, con el ánimo de emprender un proceso de consulta sobre el establecimiento de una definición ampliamente consensuada sobre el devenir de la empresa, recibiendo gran número de propuestas de la sociedad civil.

La empresa también ha adoptado **una postura inflexible en lo que se refiere a cualquier indemnización a Bechtel por sus "pérdidas."** Bechtel ha presentado una demanda contra el gobierno boliviano por unos 40 millones de dólares USA ante la Corte Internacional del Banco Mundial para la resolución de conflictos sobre inversiones. Invoca sus derechos de "expropiación" en virtud del Tratado bilateral sobre las inversiones que Bolivia firmó con Holanda en 1992. (BARLOW, 2004, p. 16)

Entender o acesso à água potável como Direito Humano, Fundamental e inalienável é imprescindível para garantir vida a todos os seres humanos. Entretanto, a Guerra da Água



demonstra que corporações internacionais atuam com o objetivo de comercializar a água em um mercado altamente lucrativo, o mercado do “ouro azul”.

Corporações, como a Bechtel, atuam respaldadas por acordos com os governos que transformam a água em item com valor de comércio. A população que não possui dinheiro para comprar sua água potável, não a consome, o que compromete objetivamente o seu direito à vida.

Os Estados, por sua vez, necessitam intervir com coerência para implementar políticas públicas que garantam o direito ao acesso à água potável.

Como definido pela ONU, a água possui um valor econômico, entretanto, nem todos os povos do mundo tem condições de arcar com esse custo, mas mesmo assim, necessitam de água para sobreviver. Dessa forma, propõe-se que os Estados arquem com tal custo, defendendo o direito à vida de seus nacionais. Ressalta-se ainda que tais atos devem ser praticados por interesse dos cidadãos e do Estado nacional, no sentido de proteger os recursos hídricos para não serem alvo da cobiça internacional com destino à especulação e não à garantia do direito ao acesso à água.

A vitória do povo boliviano é um exemplo à comunidade internacional porque demonstrou ser possível, com organização e mobilização popular, mudar a política privatista e consolidar uma nova forma de gerenciamento dos recursos hídricos que seja democrática e eficaz.

A forma dos bolivianos gerirem sua própria água, em defesa da vida de seu povo, sem visar lucro e sim a qualidade e o direito ao acesso à água potável, sem dúvida, é uma iniciativa sem precedentes na América Latina e foi fruto de um educativo e exemplar processo de luta onde os “guerreiros da água” venceram uma das maiores multinacionais do mundo e a política privatista que nega o direito ao acesso à água.

BIBLIOGRAFIA

AZAMBUJA, Darcy. *Introdução A Ciência Política*. Brasília: Globo, 2008.



AZAMBUJA, Darcy. *Teoria Geral Do Estado*. São Paulo: Globo, 2008.

BANCO MUNDIAL. *Capim Vetiver: a barreira vegetal contra a erosão*. Banco Mundial, Washington, D.C., 1990.

BARBOSA, Erivaldo Moreira. *Água doce: direito fundamental da pessoa humana*. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=3172 Acesso em: 5 Nov. 2010

BARLOW, Maude; CLARKE, Tony. *Oro Azul- Las Multinacionales Y El Robo Organizado de agua en el mundo*. Cochabamba, Bolívia: Paidós, 1ª edição, coleção: Paidós Controversias, 2004.

BECHTEL. *Valoures*. Disponível em: <http://www.bechtel.com/offices.html&anno=2> Acesso em: 22 out. de 2010.

CIDSE-ALAI. *América Latina. Riqueza Privada, Pobreza Publica*. Disponível em: http://issuu.com/hansmejiaguerrero/docs/al_riqueza_privada_pobreza_publica. Acessado em: 5 de Jun. 2014.

FUNDAÇÃO LUSO. *A importância da água no corpo humano*. s.d. Disponível em: http://www.fundacaoluso.pt/assets/img/artigos/PDF5_A_importancia_da_agua_no_corpo_humano.pdf Acesso em: 13 Ago. 2010.

GILL, Stephen. *Gramsci: Materialismo histórico e Relações Internacionais*. Organizador: GILL, Stephen; trad. AZEVEDO, Dinah – Rio de Janeiro: UFRJ, pensamento crítico; v. 7, 2007.

GUIMARÃES, Paulo; FAVER, Viviane. *Água: O surgimento da commodity suprema*. Disponível em: <http://www.agsolve.com.br/noticia.php?cod=2786> Acesso em: 6 Nov. 2010.

HABERMAS, Jurgen. *Inclusão Do Outro, A*. São Paulo: Loyola Humanística, 2002.

AFP, R7. *ISRAEL ameaça suspender fornecimento de água a palestinos Governo reclama que moradores da Cisjordânia despejam esgoto não tratado em rios*. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/israel-ameaca-suspender-fornecimento-de-agua-a-palestinos-20100407.html> Acesso em: 15 Set. 2010.

IBGE. *Dia mundial da água*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/agua/home.html> Acesso em: 13 Ago. 2010.

KINGSNORTH, Paul. *Um Não, Muitos Sins - Uma Viagem Aos Centros Da Antiglobalização*, Brasília: Record, 2006.

LAIMÉ, Marc. *Sujeira na água das cidades*. Le Mond Diplomatique Brasil, 2005. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/acervo.php?id=1268&tipo=acervo> Acesso em: 6 Nov. 2010



LEWIS, Tom; OLIVEIRA, Oscar; *COCHABAMBA! Water war in Bolívia*. Rio de Janeiro: 5ª Edição, Ed. UFRJ, 2004

NETO, Ernesto Roessing. *Responsabilidade internacional dos Estados por dano ambiental: o Brasil e a devastação amazônica*. Disponível em: <http://jus.uol.com.br/revista/texto/8915> Acesso em: 19 Ago. 2010.

OAB – Espírito Santo. *A OMC e o Mercado Internacional de Água*. Disponível em: http://www.oabes.org.br/detalhe_artigo.asp?id=17 Acesso em: 19 de Ago. 2010

ONU. *Acesso à água potável é questão de direitos humanos*. Disponível em: <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/177824.html> Acesso em: 13 Ago. 2010.

ONU. *Agenda 21*. Disponível em: http://www.un.org/esa/dsd/agenda21_spanish/res_agenda21_18.shtml Acesso em: 19 Ago. 2010.

ONU. *Escasez de água*. Disponível em: http://www.un.org/spanish/waterforlifedecade/issues_scarcity.html Acesso em: 13 Ago. 2010.

ONU. *Demanda por água na América Latina cresceu 76% em 15 anos*. Disponível em: <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/182372.html> Acesso em: 20 Ago. 2010.

PNUD, 2006. *ESCASEZ DE AGUA*. Disponível em: http://www.un.org/spanish/waterforlifedecade/issues_scarcity.html Acesso em: 13 Ago. 2010.

POLÍTICA Nacional de Recursos Hídricos. Legislação Básica, da Secretaria de Recursos Hídricos, do Ministério do Meio Ambiente, Brasília: 2009.

POUPEAU, Franck. *E a água foi privatizada...*, Le Mond Diplomatique Brasil, 2002. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/acervo.php?id=500&tipo=acervo> Acesso em: 6 Nov. 2010.

REY, Alan. *Os nomes da água*. Le Mond Diplomatique Brasil, 2005. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/acervo.php?id=1244&tipo=acervo> Acesso em: 6 Nov. 2010.

RIBEIRO, Nelson Figueira. *A Questão Geopolítica da Amazônia: da Soberania Difusa a Soberania Restrita*. Belém: UFPA, 2006.

RUTGERD, Boelens. *Water rights and empowerment*. Rio de Janeiro: Van Gorcum Pulb, 2002.

SHULTZ, Jim. *A Guerra pela Água na Bolívia*. Disponível em: http://www.article.19.org/work/regions/latin-america/FOI/pdf/waterwar_Por.pdf/. Acesso em 8 Nov. 2010.